

CORPO E SENTIDO: UMA METÁFORA BIOLÓGICA

Wilson do Carmo Júnior

Universidade Estadual Paulista-UNESP

Introdução

É possível apresentar à cultura um corpo humano *humano*? É possível redescobrir uma Ginástica primordial? É possível integrar uma cultura corporal a uma cultura da Ginástica?

Considerando o corpo que conhecemos biologicamente, esse legado orgânico, disposto em células, tecidos, órgãos, sistemas e funções, talvez tenhamos algumas dificuldades, ou tenhamos que fazer alguns ajustes na estrutura e no conjunto da sua organização e complexidade. Porém, caso seja possível reorientar o sentido do *sentido* do corpo humano *humano*, talvez venhamos a encontrar um ponto de referência que nos conduza a sentir esse corpo.

Com os recursos da filosofia, da antropologia e da filosofia da linguagem, talvez tenhamos uma referência cultural extraordinária, que foge da mera impressão dos sentidos desarticulados, e com isso talvez possamos nos *ver* melhor ultrapassando a fronteira da pele. É preciso, entretanto, que estejamos dispostos a redescobrir *os sentidos* além do universo biomecânico, pois este já se encontra em um nível de representação no limite da compreensão sistemática e sem a *permissão* científica quanto à exploração de outros sentidos. Não se tra-

ta, de dar atenção a um sentido corporal em detrimento de outro, excluir a natureza e abençoar o conceito. Parece, entretanto, existir uma necessidade ontológica de compreender os outros sentidos do corpo, cujo significado está exposto na cultura contemporânea: presença maciça da atividade e uso do corpo como fenômeno de marketing, projeção do erotismo, modelos e padrões de saúde, tudo como elemento de comunicação.

A cultura descobriu o corpo, porém, encarcerou o ser. Criou-se uma corporeidade (ter corpo) excluída de humanidade (ser corpo), criou-se uma dinâmica física compulsória (a ginástica) excluída das categorias existenciais espontâneas (os afetos), potencializou-se o organismo biológico pelo rendimento e adaptação (treinamento e nutrição) excluídos das energias psíquicas (equilíbrio e desejo). Tais elementos excluídos constituem um conjunto de atividade, de conhecimentos das práticas corporais contemporâneas, sustentadas por uma entidade chamada Ginástica.

No discurso sobre o corpo na Educação Física, assim como na cultura geral que conhecemos, acusamos insistentemente a cultura dualista segmentária, atribuindo à razão o privilégio de uma compreensão legítima e necessária da relação corpo-mente ou corpo-alma. Entretanto, dispomos de

uma corporeidade primitiva, percebida e reconhecida pela significação e expressão, sensível e inteligível, com um sentido e significado, que para as culturas primitivas talvez tenha sido o primado de toda comunicação. Dotada de um balbucio e gestualidade, tendo como suporte um corpo-linguagem, mesmo não sendo reconhecido como tal, foi a primeira ferramenta de comunicação humana.

Devemos talvez redescobrir o conteúdo corporal como conteúdo humano, da mesma forma, redescobrir a realidade corporal como realidade humana. Talvez com essa insistência antropológica estaremos mais próximos de um conteúdo corporal humano, necessário e pertinente ao discurso de uma Educação Física primordial.

Corpo e suas Premissas Lingüísticas

Talvez tenhamos vindo de um sonho, que ainda é obstinação: saber se o corpo humano pode ter um sentido lingüístico, ou seja, representa um poder de significação e expressão. De alguma forma, podemos dizer que no início dos tempos a primeira língua que os homens falaram foi uma amálgama de música, poesia e ciência. Tendo como único verbo ensinado por Deus ou ditado pela Natureza soube exprimir as coisas, os sentimentos, as leis. E a imagem que gostaríamos que tivesse sido, talvez para sustentar o que firmamos hoje no sentido corporal, escondia um poder expressivo e um poder de indicação objetiva, ou "função referencial". Essa língua paradisíaca, testemunha de uma época em que o homem não estava separado do homem, nem afastado da natureza ou de Deus, há muito tempo foi esquecida, desmembrada, dispersa.

"Esta fábula de um privilégio original só pode ser formada pelos homens que se sentiam condenados a uma espécie de enfermidade lingüística e aos quais o campo da linguagem aparecia como um local das separações múltiplas: separação entre a música e a palavra, desvio entre a linguagem elevada e a prosa baixa quotidiana, entre o mito poético e o raciocínio laborioso" (STAROBINSKI, 1984). Talvez seja difícil a re-

cuperação dessa situação singular, de uma manifestação primitiva do sentido coreográfico que se supunha linguagem, porém parece haver uma insistência artística, esteticamente introduzida na imensa dinâmica das interpretações humanas sobre o mundo, de recuperar pelo menos parte dessa língua.

Verificamos uma linguagem poética suprimida por uma linguagem científica, assim como verificamos a coreografia e a gestualidade sendo suprimidas pela ciência do verbo. Naturalmente que esse fenômeno não ocorreu como uma formulação metodológica, foi se processando passo-a-passo na mais minuciosa e gradual sutileza possibilitando a diferença na forma de perceber, observar, compreender, e explicar as coisas. No ápice da racionalidade *cartesiana* o filósofo evoca, quase que poeticamente, as qualidades sensíveis de um pedaço de cera, para, em seguida, anular a legitimidade da decisão dos sentidos (STAROBINSKI, 1984). Podemos, então, revelar poeticamente um fenômeno, recebê-lo provisoriamente apenas para a explicação e redução intelectual quantitativa? O sentido do corpo como referente e ligação do ser-no-mundo, perde-se com uma justificativa intelectual? Dificilmente compreenderemos essa troca instantânea.

O Corpo e o Sentido da Metáfora

A metáfora é um poema em miniatura. Por isso, a relação entre o sentido literal e o sentido figurativo numa metáfora é como uma versão abreviada dentro de uma frase singular da complexa interação de significação (RICOEUR, 1987). No campo científico, ou na ciência da natureza, como consideram alguns, o corpo humano não pode ser visto como linguagem metafórica, porém, na ciência ontológica, na *physis* mais original, poeticamente, a linguagem corporal pode ser vista como um esboço de poesia, *significação e expressão*. Se por um lado a interpretação lógico-formal das coisas denota as coisas verificáveis por leis formais, tendo como índice exemplar a certeza das ciências da natureza, podemos conceituar as coisas por

uma filosofia como ciência rigorosa.

Vemos contudo, que ao interpretarmos o mundo através do pensamento lógico-formal, (...) “se provou por extenso que isso implica um contra-senso daquele gênero que caracteriza todas as categorias cépticas num sentido expressivo. (...) Pois os contra-sensos teóricos são inevitavelmente seguidos por contra-sensos (discordâncias evidentes) no procedimento atual, teórico, axiológico, ético” (CASSIRER, 1977). Portanto, a ciência conhecida, ou mais precisamente o método científico conhece muito bem o organismo corporal humano, porém pode não conhecer totalmente a *palavra* corpo humano *humano*. Como postulava a corporeidade mítica, talvez possamos ver os códigos gestuais expressivos como a leitura intuitiva do querer dizer, ou querer interpretar. Tanto quanto a ciência, a arte comporta a representação original, existencial, perceptiva e referente. Na relação homem-mundo, como *signo* (sujeito), possui seus reflexos lingüísticos instituídos. Resta saber por qual deles temos o direito ou dever de referir.

Na *poética* temos que “uma metáfora é a aplicação a uma coisa de um nome que pertence a outro e a transferência tem lugar do gênero para espécie para o gênero, de espécie para espécie, ou proporcionalmente” (ARISTÓTELES, XXI-4, 1992). Seria muita pretensão ou equívoco lingüístico, propor uma fenomenologia da metáfora. Seguindo as proposições citadas por Ricoeur, tem a metáfora um sentido clássico como:

a) a metáfora é um tropo, uma figura de discurso que diz respeito à denominação;

b) representa a extensão do sentido de um nome mediante o desvio do sentido literal das palavras;

c) a razão deste desvio é a semelhança;

d) a função da semelhança é fundamentar a substituição do sentido figurativo de uma palavra pelo do sentido literal, que se poderia ter usado no mesmo lugar;

e) por isso, a significação substituída não representa nenhuma inovação semântica. Podemos traduzir uma metáfora, isto é, repor o sentido literal de que a palavra figurativa é um substituto. Com

efeito, substituição mais restituição é igual a zero;

f) visto que não representa nenhuma inovação semântica, uma metáfora não fornece qualquer informação nova acerca da realidade. Eis porque se pode considerar como uma das funções emotivas do discurso.

Ora, temos um discurso sobre o corpo. Daí uma metáfora viva a tensão entre a palavra *corpo* e corpo enquanto entidade, uma literal outra metafórica, e extrai-se desse conjunto uma verdadeira ampliação do sentido das coisas humanas, diferente da retórica clássica que manifesta o produto do discurso como interpretação literária. Opondo a teoria da mera substituição da língua pela fala ou escrita, emerge no contexto semântico uma nova significação dos códigos gestuais e o sentido da motricidade humana. Não é novidade para a cultura ter o corpo e no corpo uma complexa pluralidade de sentido. Uma configuração polissêmica que nos permite dizer que *há sentidos no corpo e do corpo*, que vai muito além do ornamento do discurso e muito mais além das projeções afetivas ou valores emotivos inconscientes. Por *corpo humano* pode ser traduzido como uma metáfora genuína, pois revela uma corporeidade infinita que não pode ser interpretada por uma única linguagem. Enfim um organismo biológico, sustentado por uma linguagem biológica isolada restringe o universo lingüístico. Há possibilidades de redescobrir uma gestualidade ontológica, conduzindo a reflexão como algo inusitado acerca da realidade corporal.

A Busca do Outro Corpo

Talvez estejamos experimentando uma redescoberta do uso do corpo como princípio de sobrevivência. A antropologia nos fala que o corpo pode não ter sido o primeiro instrumento lingüístico no sentido léxico, porém por que não fazer uso da metáfora e atribuir seu mítico como o “alfabeto mítico”. Um termo pretensioso, sem dúvida, porém sustentado por uma antropologia concreta que afirma ser linguagem e mito parentes próximos. “Um indicativo sólido que afirma o homem nos primórdios da cultura como sendo um cosmo mítico-lingüístico com relações estreitas,

dois brotos diferentes da mesma e única raiz. Por sua própria natureza e essência, a linguagem é metafórica. Incapaz de descrever diretamente as coisas, recorre a modos indiretos de descrição, a termos ambíguos e equívocos. A essa inerente ambiguidade da linguagem, o mito deve sua origem e nela sempre encontrou seu alimento espiritual (CASSIRER, 1977).

Essa experiência primitiva sobre a linguagem, de natureza social e física, reflete o mundo infantil, numa mistura de onto e filogênese. Muito antes de aprender a falar, a criança já descobriu outros meios, mais simples, de comunicar-se com outras pessoas. Das manifestações sensório-motoras às comunicações não verbais, há um complexo de desenvolvimento corporal orgânico que transparece na estrutura da linguagem: andar e falar.

Na busca da sobrevivência, o homem percebeu muito cedo que deveria ir buscar seu alimento na natureza; esta não lhe oferecia graciosa-mente seu bem alimentar. Correr, saltar, rastejar, lançar, rolar, podem fazer parte da estrutura do desenvolvimento motor estudado cientificamente, porém já eram técnicas conhecidas no mundo primitivo. Chamadas de *técnicas corporais e práticas corporais*, são um conjunto de práticas, típicas do talento primitivo do homem caçador (MAUSS, 1976). A natureza é inexorável, não pode negar-se a satisfazer as solicitações humanas, mas por não compreender com qual *linguagem* eu devo referir-me nesse contato.

Nesse transporte significativo de uma filosofia da natureza para uma filosofia da linguagem, encontra-se o "sentido do sentido" das coisas. Tanto o pensamento primitivo quanto o pensamento contemporâneo, ainda repousam num problema de linguagem para transpor a unidade orgânica natural para uma linguagem conceitual. Corpo e linguagem parecem existir numa mesma função referencial, porém ainda sem suporte legítimo de sustentação.

Talvez o ser humano necessitado de uma busca para sua saúde, *pré-visto* ontologicamente como a busca da vida, venha a ser a ginástica ontológica que estamos praticando. Não cabe jus-

tificar a busca da boa forma física, da saúde e do corpo belo pela linguagem do marketing, pois esse fenômeno publicitário não sustenta todas as necessidades humanas. A justificativa mais provável talvez repouse num atletismo primitivo, uma espécie de *ginástica* que permitiu ao homem o exercício da caça, da pesca, da dança e suas identificações primárias. As metáforas do movimento humano, mais sugerem uma necessidade primitiva de redescobrir um estilo de vida, do que propriamente a amálgama do esforço físico como acaso cultural. O ser humano parece ter-se revelado como *estado-humano*, essa paráfrase necessária, redescoberta pela necessidade revelou uma corporeidade ontológica. As capacidades físicas: o equilíbrio, resistência, flexibilidade, agilidade, velocidade, entre outras valências motoras, suportam a metáfora da vida psíquica das pessoas. Num indivíduo *forte, flexível e equilibrado* existem muitos séculos de experiência mítico-psíquica esquecida, escondidas nos recônditos da vida humana, camufladas sob a égide do espetáculo publicitário da academia-empresa. O corpo como metáfora biológica pode e deve ser vivido nas academias, porém é preciso reciclar a ordem do esforço físico em outras direções e sentidos. É possível *praticar* a cultura corporal além do metabolismo e da transpiração sistemática.

O corpo humano parece ter transposto o organismo biológico, quando transpira e inspira para suprir a necessidade fisiológica. Assim como nas culturas primitivas, o uso das *práticas corporais*, o uso da linguagem dos movimentos, refletia o *atletismo* que praticamos hoje. Fazemos hoje a síntese perceptiva do uso metafórico do exercício, independente das academias, dos equipamentos e de toda parafernália instrumental. Fazemos uso do corpo humano como um fenômeno perceptivo instrumental original, porém ainda com o resíduo dualista sujeito-objeto. Está presente na cultura corporal a cultura humana e vice-versa. Há já um esboço metafórico do sujeito que assume o ponto de vista do ser-corporal, como campo perceptivo e prático, como composto de gestos com alcance que circunscreve o domínio de si. O discurso sobre o corpo parece ter sido percebido pela soma

daquilo que chamamos inteligência (como, por exemplo, uma noção geométrica) com a “corporeidade que é uma totalidade aberta ao horizonte de um número indefinido de perspectiva que se recortam segundo um certo estilo (...)”, (MERLEAU-PONTY, 1990). Esse estilo pode ser sujeito-e-objeto nos dois sentidos da subjetividade e indefinição humana em que estamos inseridos.

Referências Bibliográficas

STAROBINSKI, J. Linguagem poética e linguagem científica. **Diógenes: antologia**; vol. 6, p. 41-55, 1984.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ARISTÓTELES, **Poética**. São Paulo: Ed. Arts Poética, XXI-4, 1992.

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, Vol.II, 1976.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Campinas: Editora Papirus, 1990.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Departamento de Educação Física

Instituto de Biociência

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Av. 24 A, 1515 - CEP 13506-900

Bela Vista - Rio Claro - SP